

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**

Disciplina LET 287/ 99.2  
Literatura Brasileira XII:  
Literatura Brasileira Contemporânea  
Prof.<sup>a</sup> Nancy Rita Vieira Fontes

Identidade e alteridade em João Ubaldo Ribeiro:  
„Um brasileiro em Berlim“

De:  
Ulrike Bock  
Matrícula 992505968  
Rua Padre Feijó, 139  
Apart. 202  
Canela  
CEP 40110-170  
Salvador/BA

SUMARIO

I	<u>Introdução</u>	1
II	<u>Identidade e alteridade</u>	2
	1. Noções do outro	2
	2. Contexto cultural e posicionamento individual	3
	3. O conceito da diferença	4
III	<u>Um brasileiro em Berlim</u>	4
	1. O olhar excludente	5
	2. Três noções do „outro“ brasileiro	6
	3. Descobrimo sua própria identidade	8
IV	<u>Conclusão</u>	9
V	<u>Bibliografia</u>	11

## I Introdução

O objetivo deste trabalho consiste em analisar o livro „Um brasileiro em Berlim“ de João Ubaldo Ribeiro detectando as representações dos conceitos pós-modernistas de identidade e alteridade.

Dando ênfase à heterogeneidade tanto do sujeito quanto coletiva, estes conceitos ocupam um lugar chave na desmontagem da verdade única promovida pelo discurso pós-modernista. Este discurso propõe uma democratização das noções absolutistas através da releitura e a incorporação igualitária do pluralismo interno à discussão dominante.

As 16 crônicas reunidas no livro a examinar<sup>1</sup> abordam esta questão desde um ângulo particular: a condição de estrangeiro. Escritas em 1990, durante uma estadia de 15 meses em Berlim, elas nascem com o fim de capturar „visões interiores de alguém de fora“<sup>2</sup>. Em um momento histórico marcado pela sociedade alemã em procura de (re)construir sua identidade, estes relatos de situações do cotidiano revelam a percepção alemã do „outro“. Criadas através da confrontação (sendo Berlim, pela sua situação geográfica e política, a cidade do encontro mais explícito), estas imagens levam o próprio „outro“ a pensar sua identidade.

Nos limites deste trabalho, escolheu-se focalizar as noções de identidade e alteridade respectivamente do „outro“ e do „eu“ brasileiro, sendo que o aprofundizar da percepção alemã<sup>3</sup> tanto quanto a perspectiva brasileira do „outro“ alemão daria surgimento a mais um trabalho.

---

<sup>1</sup> Consideramos que esta forma de crônicas sem ligação direta, mas publicadas baixo uma temática comum pode ser lida como visão múltipla criando uma imagem de representação fragmentada.

<sup>2</sup> Mertin, Ray-Güde, „Posfácio“, in: Ribeiro, João Ubaldo, *Um brasileiro em Berlim*, 5ª edição, Rio de Janeiro 1995, p.157.

<sup>3</sup> Questão explorada de maneira exemplar na crônica „Procurando o alemão“.

## II Identidade e alteridade

Os conceitos de identidade e alteridade apresentam uma estreita ligação; entre eles existe uma relação de reciprocidade. Do mesmo modo que a noção da alteridade se constitui só a partir de um marcado „eu“, a mera presença do outro diferente de mim dá que pensar sobre as condições desta minha identidade. Daí surge a questão da perspectiva: quem é (o sujeito) que percebe quem (como objeto) e de que maneira?

Nestes seguintes parágrafos se tentará de estabelecer uma pequena tipologia dos conceitos de identidade, alteridade e diferença, os quais mais adiante servirão de instrumentos de análise de texto.

### 1. Noções do outro

A percepção do outro como ser diferente do „eu“<sup>4</sup> ocorre basicamente de duas maneiras: se pode considerar o outro como conceito abstrato ou como pessoa física concreta.

Na primeira visão, o „Outro“<sup>5</sup> funciona como conjunto de dados construídos a partir da separação do „eu“ sem ligação direta a eventuais características enfrentadas concretamente. Dentro desta perspectiva, qualquer atitude do „eu“ face a outras pessoas se refere a elas como representantes personificados deste conceito abstrato.

A segunda percepção entende o „outro“ como pessoa ou grupo concreto físico. Neste caso, também existem duas possibilidades de concebê-lo, estabelecendo como marca o ponto de vista tomado em referência ao „outro“.

---

<sup>4</sup> Os conceitos apresentados a seguir baseiam-se em Todorov, Tzevan, *A conquista da América. A questão do outro*, tradução de Beatriz Perrone Moisés, 3ª edição, São Paulo 1993, p.3.

<sup>5</sup> Ortografia proposta por Todorov em distinção ao „outro“ de configuração concreta. A seguir, usa-se esta ortografia referindo-se aos conceitos de Todorov enquanto o outro (sem aspas) se usará em referência ao conceito genérico.

A primeira concepção que corresponde à visão do „outro“ como objeto pode ser denominada por „outro exterior“. Ela consiste na noção de um ser humano não-pertencente a um determinado grupo de „nós“.

A restante perspectiva trata do „outro interior“, equivalente à representação de traços diferentes dentro de um grupo. Aqui o „outro“ é percebido como sujeito, o que corresponde à descoberta da própria alteridade („eu é um outro“<sup>6</sup>) e, portanto, apresenta o caso de maior ligação dos conceitos de identidade e alteridade.

## 2. Contexto cultural e posicionamento individual

Esta última definição do „outro interior“ conduz à questão da configuração da própria identidade. O conceito de uma alteridade interior já quebra com a visão de um grupo homogêneo de „nós“ e levanta o assunto da construção da identidade. Ao examinar o conceito da identidade, é possível destacar duas componentes determinantes.<sup>7</sup>

Por um lado, existe a noção da identidade cultural que corresponde à perspectiva de uma história em comum que representa a experiência de um determinado coletivo. A partir desta vivência acumulada, estabelece-se um contexto cultural que funciona como código comum e influi, de alguma maneira, em todo indivíduo pertencente ao coletivo. Esta visão representa uma concepção de relativa continuidade e da representação homogênea de uma entidade unida.

Em delimitação, existe outra componente que se refere à heterogeneidade dentro de todo coletivo. Esta segunda percepção apresenta um conceito de construção e transformação permanente mediante uma negociação contínua da identidade de cada sujeito. Podemos denominar esta visão de „posicionamento“<sup>8</sup> individual, de maneira que a identidade do sujeito se define como balanceamento de uma representação individual dentro de „pontos de identificação“<sup>9</sup> de um contexto cultural estabelecido.

---

<sup>6</sup> Ib.

<sup>7</sup> Cf., também a seguir, Hall, Stuart, „Identidade cultural e diáspora“, in: *Revista do Patrimônio histórico e artístico nacional*, Rio de Janeiro 199?, p.68 ff.

<sup>8</sup> Ib., p.70.

<sup>9</sup> Ib.

### 3. O conceito da diferença

A condição de negociar seu posicionamento individual em um contexto homogêneo implica uma diferenciação do sujeito dentro do coletivo. Esta visão coincide com o conceito do „outro interior“ que explora as configurações de alteridade dentro de um „outro“ sujeito.

Estas duas perspectivas dão surgimento à categoria da diferença. Esta categoria trata dos estados e pontos de partida heterogêneos dentro de um grupo, os quais implicam aspectos internos como diferentes níveis de conhecimento e poder dentro da comunidade tanto quanto um distinto grau de relacionamento com o exterior.<sup>10</sup>

É a partir desta diferença que nascem as possibilidades para um verdadeiro „caleidoscópio de identidades“<sup>11</sup>.

### III Um brasileiro em Berlim

Dentro da sua condição de brasileiro na Alemanha, João Ubaldo Ribeiro serve como exemplo para as noções de identidade e alteridade. Ele não só experimenta como é ser visto como „outro“ estrangeiro, perspectiva comumente enchida de expectativas e preconceitos. Ele também descobre as condições da sua própria identidade, tanto em referencia ao seu contexto cultural (perceptível acentuadamente em circunstâncias de vivência dentro de um ambiente distinto) quanto à sua postura subjetiva. A seguir, pretende-se analisar a representação dos conceitos expostos na seção anterior dentro do texto „Um brasileiro em Berlim“.

---

<sup>10</sup> Cf. ib., p.71.

## 1. O olhar excludente

A representação do „Outro“ abstrato no texto corresponde a um conceito de estrangeiro percebido de maneira generalizada, sem distinção de nacionalidade nenhuma desde que encaixe no padrão de uma aparência física (esta, portanto, ocupando um lugar importante como marcador da estranheza) „oriental“: „polonês, romeno, húngaro, iugoslavo... Aqui virou tudo a mesma coisa.“<sup>12</sup>

É a visão de um „Outro“ ameaçante, invasor do território em um momento de reconstrução da nacionalidade alemã. Assim, todo indivíduo estrangeiro simboliza um perigo dentro da visão dos alemães. João Ubaldo Ribeiro percebe esta atitude de maneira bem clara: „As pessoas, ao invés de visitadas, se sentem invadidas. [...] O outro é um intruso, cuja fala, modos e fraquezas são inaceitáveis.“<sup>13</sup>

O principal critério da construção do „Outro“, por conseguinte, consiste na língua. A paradoxia deste marcador visibiliza-se ao considerar que sempre existirá um lugar cuja língua desconhecemos, assim sendo que „cada um é o bárbaro do outro“<sup>14</sup>.

A crônica „O tartamudo do Kurfürstendamm“ demonstra de modo exemplar esta exclusão através dos aspectos lingüísticos: mediante o não-saber falar „a bela, porém notoriamente esquiva, língua alemã“<sup>15</sup> criam-se condições de inferioridade. „[...] ao responder „ja“ a uma pergunta que não entendeu direito, [o tartamudo] ouviu presumíveis menções a sua parca inteligência [...]“<sup>16</sup>.

João Ubaldo Ribeiro enfrenta esta situação com a habitual ironia, na sua auto-revelação“ como “tartamudo“ bem como assumindo a condição de „oriental“. „Não é isso o que eles querem? Amanhã mesmo, compro um Trabant [carro típico da antiga República Democrática Alemã aqui simbolizando o ser „oriental“] e vou à luta.“<sup>17</sup>

---

<sup>11</sup> Kristeva, Julia, *Estrangeiros para nós mesmos*, tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes, Rio de Janeiro 1994, p.21.

<sup>12</sup> Ribeiro, João Ubaldo, *Um brasileiro em Berlim*, 5ª edição, Rio de Janeiro 1995, (JUR), p.24.

<sup>13</sup> *Ib.*, p.39.

<sup>14</sup> Todorov, *op.cit.*, p. 188.

<sup>15</sup> JUR, p. 21.

<sup>16</sup> *Ib.*

<sup>17</sup> *Ib.*, p. 24.

Além disso, ele ilustra a posição do não-entender ao incluir alguns trechos em alemão, colocando o leitor brasileiro na mesma situação.

## 2. Três noções do „outro“ brasileiro

Diferente do „Outro“ abstrato, o „outro exterior“ é visto como personificação de um determinado grupo concreto. Em consequência, a imagem dele construi-se ao transferir os conceitos subjetivos (ou de um grupo de „nós“) em referência ao grupo „deles“ ao indivíduo enfrentado.

Partindo da perspectiva alemã, o texto apresenta três conceitos principais do „outro exterior“ brasileiro. A primeira visão identifica o brasileiro como ser exótico, evocando os estereótipos de Carnaval, praias e mulatas bonitas „cujos padrões de conduta fariam Messalina parecer uma irmã de caridade“<sup>18</sup>. Este olhar fundamentalmente masculino ilustra a percepção do „outro“ como objeto: o conceito do erotismo se reduz de maneira exclusiva à noção de mulheres sexualmente disponíveis.

O autor joga com este clichê do suposto comportamento sexualmente liberado brasileiro, mostrando, pelo contrário, os alemães, este „povo sombrio, sem graça, fechado“<sup>19</sup> como mais libertinos, ficando nus no público: „aqui é normal, lá é que é indecente, o pessoal aqui só quer tomar um solzinho e trocar uns beijinhos amistosos na frente dos outros“<sup>20</sup>.

O segundo conceito trata do brasileiro como ser primitivo na condição de „outro“ inferior. Esta imagem surge da noção do índio selvagem e bárbaro dentro da conhecida dicotomia de civilização e barbárie, do esquema de centro e periferia no

---

<sup>18</sup> Ib., p. 28.

<sup>19</sup> Ib., p. 101.

<sup>20</sup> Ib., p. 31.

qual o centro funciona como modelo de referencia tanto cultural quanto do desenvolvimento da periferia.<sup>21</sup>

No texto, esta perspectiva metropolitana eurocentrista manifesta-se num esperado atraso técnico e cultural (para „satisfazer as expectativas [...] basta um certo ar primitivo, uma risada levemente inquietante e ar de pasmo diante de novidades tecnológicas, tais como fogões elétricos, geladeiras, ou mesmo isqueiros – quase tudo que não seja de madeira ou couro serve“<sup>22</sup>) assim como na equiparação do brasileiro como índio canibalesco („creio haver [...] percebido nervosismo numa companheira de mesa, cada vez em que eu olhava para o braço dela e pegava o *ketchup*“<sup>23</sup>).

Esta segunda percepção do brasileiro como índio primitivo tem outra faceta, induzido ao discurso dominante a partir do século XIX: o conceito do bom selvagem. Trata-se de uma noção idealizada do índio „autêntico“, ser digno à preservação.<sup>24</sup>No discurso pós-modernista, esta visão pode ser interpretada como tentativa de quebrar o conceito monolítico orientada à cultura ocidental mediante uma „revalorização cultural da periferia“<sup>25</sup>. Contrariando a intenção, ela conduz a uma situação paradoxal na medida que o centro se apropria do discurso da alteridade, sendo ele mesmo o primeiro de exigir a reintegração dos marginalizados internos da periferia. Esta posição não só leva a mais uma relação de tutela, também cria-se outra imagem homogeneizada, negando a diferença interna da periferia.<sup>26</sup>

João Ubaldo Ribeiro ironiza estes conceitos, visibilizando a criação de imagens segundo nas quais só a noção do índio „em estado natural“ é admitida como genuíno brasileiro. Nestas circunstâncias, mesmo a antropofagia („esse milenar costume índio“<sup>27</sup>) passa a adquirir um valor positivo, sendo que ela é considerada elemento

---

<sup>21</sup> Cf. Herlinghaus, Hermann/Walter, Monika, „¿"Modernidad periférica" versus "proyecto de la modernidad"? Experiencias epistemológicas para una reformulación de lo 'pos' moderno desde América Latina“, in: Herlinghaus, Herrmann/Walter, Monika (Ed.), *Posmodernidad en la periferia: enfoques latinoamericanos de la nueva teoría cultural*, Berlín 1994, (POS), p.19.

<sup>22</sup> *Ib.*, p. 29.

<sup>23</sup> *Ib.*

<sup>24</sup> Cf. também Achugar, Hugo, „Fin de siglo. Reflexiones desde la periferia“, in: POS, p.237 ff.

<sup>25</sup> „revalorización cultural de la periferia“, Richard, Nelly, „Latinoamérica y la posmodernidad“, in: POS, p.221.

<sup>26</sup> Cf. *Ib.*

<sup>27</sup> JUR, p.94.

vital do comportamento „original“ dos índios. O autor desmascara esta atitude justamente ao assumir e portanto satisfazer as expectativas articuladas face a ele. Dai resultam cenas absurdas de índios que „costumavam sair da selva do outro lado da rua e pulavam o muro do nosso quintal para flechar as galinhas“<sup>28</sup>.

### 3. Descobrimo sua própria identidade

O olhar do outro em referência ao sujeito interfere no conceito da própria identidade, sendo que esta confrontação com a perspectiva exterior provoca o posicionar-se do „eu“. As circunstâncias de viver num contexto cultural distinto duplicam esta experiência: ao encarar os traços comuns externos acrescenta-se a percepção do próprio código coletivo, pouco percebido no seu ambiente originário.

No texto, João Ubaldo Ribeiro descobre-se como parte de uma unidade cultural justamente por ocupar certa perspectiva, distinta ao seu arredor: „Os alemães não notam. [...] Em compensação, outros brasileiros notam, logo não devo estar inventando coisas.“<sup>29</sup> A manifestação desta identidade homogênea na sua maioria ocorre a partir de fatores tangíveis da vida quotidiana. Questões aparentemente banais como a forma de pagamento (uso da bandejinha) ou a tentativa de combinar um encontro dão ocasião à reflexão sobre estes códigos. „Sei que é difícil para um alemão compreender que esse tipo de pergunta [de marcar um encontro „com tanta precisão e antecedência“<sup>30</sup>] é ininteligível para um brasileiro.“<sup>31</sup>

O conceito da diferença partindo da negociação subjetiva da identidade entra no texto junto às visões totalizadoras do outro brasileiro. A reivindicação da pluralidade cultural, aceitando condições individuais além dos estereótipos, encontra-se representada no trato altamente irônico que João Ubaldo Ribeiro concede a estas imagens.

---

<sup>28</sup> Ib.

<sup>29</sup> Ib., p. 109.

<sup>30</sup> Ib., p. 55.

Um exemplo interessante que ilustra a construção da identidade pelas suas duas componentes apresenta-se na crônica „O crime do Storkwinkel“. Neste conto, a reação do sujeito face à polícia é conduzida tanto pela experiência partilhada do povo brasileiro quanto à repressão („todo brasileiro tem medo da polícia“<sup>32</sup>) quanto pela sua condição individual de dissidente político na época da ditadura militar. („No meu caso, há razões ainda mais fortes.“<sup>33</sup>)

Por último, o processo de transformação permanente da identidade revela-se na incorporação das vivências individuais. „Eu estava em Berlim e isso certamente me mudaria para sempre.“<sup>34</sup>

#### IV Conclusão

A análise do texto reflete claramente a importância do conceito da diferença ao tratar as noções de identidade e alteridade dentro do contexto pós-modernista. A categoria da diferença interna está implícita nas visões tanto do outro (mesmo que dentro deste texto seja por ausência) quanto como elemento constituinte da identidade.

O olhar ao outro não a permite, tendo como base das suas visões a generalização. Mas é justamente esta negação de aceitar configurações individuais dentro de um coletivo de outros que dá surgimento à representação do posicionamento do sujeito. Desta maneira, estabelece-se uma interação entre os conceitos submissos à análise:

As noções do outro surgem da percepção (sujeitiva ou coletiva) de traços da representação homogênea da unidade. Da confrontação do „eu“ com estas imagens centristas criadas através de uma perspectiva exterior (manifestada no texto como hostilidade aberta no caso do „Outro“ e como visão idealista ou inferior no caso do

---

<sup>31</sup> Ib., p.54.

<sup>32</sup> Ib., p. 59.

<sup>33</sup> Ib.

<sup>34</sup> Ib., p.134.

„outro exterior“) resulta uma articulação do posicionamento individual do „eu“.

A percepção do outro mantém-se fiel aos clichês; no discurso documentado no texto não existe uma noção igualitária e diferenciada da alteridade. Para visibilizar sua reivindicação da pluralidade interna, só resta o humor, método de desmascaração intensamente usado por João Ubaldo Ribeiro.

## V Bibliografia

- Achugar, Hugo, „Fin de siglo. Reflexiones desde la periferia“, in: Herlinghaus, Herrmann/Walter, Monika (Ed.), *Posmodernidad en la perifería: enfoques latinoamericanos de la nueva teoría cultural*, Berlim 1994, pp. 233-254.
- Hall, Stuart, „Identidade cultural e diáspora“, in: *Revista do Patrimônio histórico e artístico nacional*, Rio de Janeiro 199?, pp.68-75.
- Herlinghaus, Hermann/Walter, Monika, „¿"Modernidad periférica" versus "proyecto de la modernidad"? Experiencias epistemológicas para una reformulación de lo 'pos' moderno desde América Latina“, in: Herlinghaus, Herrmann/Walter, Monika (Ed.), *Posmodernidad en la perifería: enfoques latinoamericanos de la nueva teoría cultural*, Berlim 1994, pp. 11-47.
- Kristeva, Julia, *Estrangeiros para nós mesmos*, tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes, Rio de Janeiro 1994.
- Mertin, Ray-Güde, „Posfácio“, in: Ribeiro, João Ubaldo, *Um brasileiro em Berlim*, 5<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro 1995, pp.155-159.
- Ribeiro, João Ubaldo, *Um brasileiro em Berlim*, 5<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro 1995.
- Richard, Nelly, „Latinoamérica y la posmodernidad“, in: Herlinghaus, Herrmann/Walter, Monika (Ed.), *Posmodernidad en la perifería: enfoques latinoamericanos de la nueva teoría cultural*, Berlim 1994, pp.210-222.
- Todorov, Tzvetan, *A conquista da América. A questão do outro*, tradução de Beatriz Perrone Moisés, 3<sup>a</sup> edição, São Paulo 1993.